



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**  
**Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia**  
**Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa**

**CORRESPONDÊNCIAS DESTINADAS A JOÃO RAMOS: TRADIÇÕES DISCURSIVAS E  
ESTRATÉGIAS DE VERBALIZAÇÃO NO CENÁRIO ABOLICIONISTA**

**Ana Elizabeth Bonifácio de Moura**

Trabalho apresentado à Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para a conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia.

**Orientadora:** Profa. Dra. Valéria Severina Gomes

**Recife**  
**2023**

# CORRESPONDÊNCIAS DESTINADAS A JOÃO RAMOS: TRADIÇÕES DISCURSIVAS E ESTRATÉGIAS DE VERBALIZAÇÃO NO CENÁRIO ABOLICIONISTA

Ana Elizabeth Bonifácio de Moura e Valéria Severina Gomes

Ana Elizabeth Bonifácio de Moura  
*Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE*  
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE  
Anaelizabeth.moura@ufrpe.br

Profa. Dra. Valéria Severina Gomes  
Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso  
Departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE  
valeria.sgomes@ufrpe.br

**RESUMO.** Este estudo apresenta os resultados da análise das correspondências destinadas a João Ramos, líder das sociedades abolicionistas pernambucanas Club Cupim e Associação Nova Emancipadora, identificando as tradições discursivas e as estratégias de verbalização utilizadas em um cenário de luta e de resistência, em Pernambuco, no século XIX. O estudo foi desenvolvido metodologicamente em quatro etapas. Com o aprofundamento teórico, que contou com o aporte do modelo de Tradição Discursiva, auxiliando na identificação dos traços recorrentes na composição das cartas (ANDRADE; GOMES, 2018; KABATEK, 2004; 2006; 2018; KOCH, 1997; LONGHIN, 2014). Na segunda as cartas estão descritas como documentos de investigação, com base na sociolinguística histórica. Na terceira etapa, será feito o tratamento do corpus, com o processo de transcrição dos documentos, seguindo as normas de edição de manuscritos e impressos propostos pelo Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB) e na quarta etapa, a análise qualitativa dos dados, no conjunto dos documentos, identificando os tipos de correspondências, os seus respectivos traços de tradicionalidade e estratégias de verbalização. Analisamos 62 correspondências, datadas entre 1881-1888, destinadas a João Ramos. Neste recorte, constam cartas de amigo, cartas institucionais e bilhetes, com as suas respectivas tradições discursivas e formas linguísticas de proximidade ou distância comunicativa. Os resultados deste estudo evidenciam a finalidade comunicativa de cada correspondência e a tradição discursiva na composição de cada tipo, no cenário abolicionista pernambucano. A relação entre os interlocutores e a estrutura retórica tradicional das cartas de amigos e dos bilhetes revelam traços de proximidade comunicativa e das cartas institucional à distância comunicativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Correspondências; Tradição Discursiva; Club Cupim; Luta abolicionista; Estratégia de verbalização.

## Introdução

A segunda metade do século XIX foi um período histórico marcado pela luta travada por inúmeras associações e clubes abolicionistas no Brasil. Uma dessas lutas teve participação ativa do Club Cupim, durante os anos de 1884-1888, acredita-se que tenha sido responsável pela libertação de mais de três mil escravizados. Em que pese o movimento abolicionista no Recife, “A propaganda abolicionista, severamente reprimida no Parlamento, vê aumentar, com os obstáculos, sua fôrça e seu volume. Já tardará em nascer e não seria mais possível recalá-la” (Nabuco, 1958, p. 100).

Desse modo, o que se apreende do horizonte sócio-histórico em que o Club Cupim atuou é que se trata de um período de grande efervescência política e social causada pela demanda da libertação dos escravizados. Portanto, foi um momento histórico de intensos embates favoráveis à causa abolicionista, o que também representa um compêndio de ações violentas, perseguições e assassinatos dos negros, durante as fugas, e de abolicionistas e apoiadores nas ações de fuga dos escravizados.

No entanto, o Club Cupim em muito contribuiu com a causa, segundo aponta Nabuco (1958, p.174-175), no fragmento a seguir:

A encarnação mais pitoresca do abolicionismo pernambucano foi certamente o Clube do Cupim. O que Patrocínio e seus companheiros faziam no Rio, e Antônio Bento faziam em São Paulo, para auxiliar e aliviar sofrimentos de escravos, José Mariano seus do Clube do Cupim faziam na província do Norte. Sua atividade era secreta, e a senha da sociedade de acôrdo com o símbolo do seu nome, era *destruir sem rumor*.

As cartas abolicionistas remetidas a João Ramos<sup>1</sup> fornecem indícios de que as conexões dessa “rede de auxílio” abolicionista se estendiam por várias partes do Brasil e, dentro da província pernambucana, através das trocas de ideias e experiências entre os participantes desse movimento. O objetivo geral desta pesquisa é: analisar as correspondências destinadas a João Ramos identificando as tradições discursivas e as estratégias de verbalização utilizadas em um cenário de luta e de resistência, em Pernambuco, no século XIX. Identificando a natureza do texto, através da perspectiva da Tradição Discursiva, como ele se caracteriza nesse recorte temporal e as estratégias de verbalização utilizadas em um cenário de luta e de resistência, em Pernambuco, no século XIX. As correspondências disponibilizadas são uma documentação importante por retratar um capítulo especial da história do Brasil do século XIX, em particular, de Pernambuco. As cartas, de um modo geral, usadas como meio de

---

<sup>1</sup> João Ramos, um maranhense que seu mudou para Recife aos 14 anos, foi idealizador e fundador do Club Cupim e da Nova Emacipadora, sonhava realizar em Pernambuco, o mesmo que fizeram os cearenses. Passou a proteger escravos recomendados a ele, tornou-se conhecido dos negros que o procuravam pedindo ajuda para comprar suas cartas de alforria. Ele pode ser entendido como um personagem representativo de um grupo abolicionista radical em Pernambuco

comunicação, em especial as deste estudo, foram escritas no momento de resistência e de luta pela libertação dos escravizados, servem como registros histórico e linguístico. As cartas pessoais têm importância para a Linguística Histórica por ser uma escrita cotidiana, que parece ser feita face a face. Esse conjunto de características fornece pistas para reconhecer a amostra como representativa da vertente popular do português brasileiro.

O dinamismo da língua, como processo comunicativo em um conglomerado de linguagens que evidencia variações de expressões decorrentes de diversos contextos, proporciona a interação entre os indivíduos para atingir diferentes finalidades comunicativas. Esta pesquisa, pautada no modelo de Tradição Discursiva, com Castilho, Andrade e Gomes (2018), Gomes (2007), Kabatek (2005; 2006 e 2012), Koch (1997) e Longhin (2014), observa as transformações linguísticas dessas correspondências, descrevendo estratégias de linguagem e seus diferentes usos motivados pela luta em defesa da libertação de escravizados por meio de associações abolicionistas.

Nesse sentido, a análise de correspondências destinadas ao líder dessas associações pode contribuir para o reconhecimento de determinadas manifestações linguísticas utilizadas entre os missivistas em prol da causa abolicionista, em um contexto de perseguição e resistência. O estudo sobre as correspondências destinadas a João Ramos busca dialogar com outras pesquisas realizadas com cartas pessoais, que foram realizadas anteriormente por Gomes (2018), Aquino (2021) e Bouças (2021), e teve início com a minha atuação como bolsista PIBIC. Fui bolsista da Iniciação Científica, atuando como estudante pesquisadora por dois anos consecutivos. O título do projeto é “Historicidade dos textos e ensino: uma interface entre Tradições Discursivas e Interacionismo Sociodiscursivo” e o título do meu plano de trabalho “Correspondências destinadas a João Ramos (líder do Club Cupim na segunda metade do século XIX): tradições discursivas e estratégias de verbalização no cenário abolicionista”. No primeiro ano eu analisei 30 correspondências e no segundo ano mais 32 correspondências.

A carta, embora não possua a mesma representatividade comunicativa que possuía no passado- devido ao surgimento de novas formas de comunicação que dão prioridade à rapidez- é muito apreciada como fonte documental para os estudos sócio-históricos da língua. Assim como a notícia, a saudação e a despedida são elementos originários da tradição oral, a carta tem concepção escrita e carrega traços de concepção da oralidade, relacionados à proximidade comunicativa (Koch; Oesterreicher, 2007). Ela também pode, em alguns casos, ser considerada no limite entre os gêneros literários e cotidianos. As cartas correspondem, em sua essência, a um turno de uma conversação em ausência: é a “fala” registrada de um remetente que interpela seu destinatário. A resposta não é imediata, pode demorar dias ou meses (a depender do período histórico em que o texto foi produzido). Em termos de sua função sociocomunicativa, ela tem por objetivo “estabelecer a comunicação entre ausentes” (Marcotulio, 2010, p. 77).

As cartas abolicionistas remetidas a João Ramos fornecem indícios de que as conexões dessa “rede de auxílio” abolicionista se estendiam por várias partes do Brasil e, dentro da província pernambucana, através das trocas de ideias e.

Experiências entre os participantes desse movimento. O *corpus* desta pesquisa é constituído por 62 correspondências que circularam no Estado de Pernambuco no século XIX. A documentação está disponível no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco (IAHGP). Inicialmente foi feita a montagem do *corpus*, coletado, no que diz respeito às cartas digitalizadas e compartilhadas em uma pasta no drive pelo historiador Dirceu Marroquim. No segundo momento, foi realizado o levantamento bibliográfico, baseando-se em dois fundamentos teóricos: (i) a Tradição Discursiva, para auxiliar na identificação dos elementos constitutivos das correspondências; (II) a Linguística Sócio-histórica, que auxilia na reconstituição e análise das estratégias de verbalização de acordo com a história social dos escreventes. O *corpus* é constituído por carta de amigo, carta institucional e bilhetes. As cartas de amigo, do século XIX, são bem diversificadas, com a presença de expressões formulaicas de despedida, de expressividade emocional marcada pelo uso linguístico. É uma subcategorização de carta pessoal, em virtude das características linguístico-discursivas dos textos. Trocada entre parentes não próximos ou amigos/colegas com maior ou menor nível de intimidade. Nas correspondências em análise, esses amigos são confrades de lutas abolicionistas. Há, no *corpus*, muitas cartas trocadas entre Pernambuco e Ceará.

Outro gênero que compõe as correspondências deste *corpus* é o bilhete. São bilhetes trocados entre amigos, com o diferencial de ser uma mensagem mais curta, muitas vezes sem identificação de local e data. Eles são empregados em contextos informais e escritos entre pessoas que possuem um grau maior de proximidade. Os bilhetes são textos breves, com mensagens simples, os quais são escritos em pequenos papéis e enviados para amigos, irmão, mãe, dentre outros, utilizando uma linguagem informal e coloquial, tendo como principal função a informativa, e demonstra marcas de oralidade. Ainda que ambos sejam textos do cotidiano, o bilhete difere da carta, sobretudo, por ser um texto breve. Além disso, os bilhetes não são textos selados e enviados pelo correio. É possível que o bilhete passasse de mão a mão, por meio de portadores, mantendo o sigilo necessário em um contexto de conflitos abolicionistas.

Também compõe o *corpus* deste estudo, a carta institucional. Nesta amostra, ela era enviada pelas associações amigas contendo um teor mais próximo da formalidade. Entre as cartas institucionais deste estudo, há duas que foram escritas por João Ramos e por João Cordeiro, em suas respectivas funções sociais de 1º secretário da Associação Nova Emancipadora e de presidente na Associação Cearense Libertadora.

20-2-84

João Ramos -

atualmente não posso  
 nem fazer arranjar o  
 dinheiro porque ou se  
 cancelaram ou <sup>me</sup> não  
 receberam

Mas enfim vão os cem  
 mil reis que eram perdidos  
 200.

Si houver alguma cousa  
 a comunicar-me,  
 estou á noite em casa  
 de José Eleuterio.

Amigo certo  
 J. Mariano

Fonte: elaboração própria (2023).

20-2-84 | João Ramos | A Última hora quasi | não posso arranjar o | dinheiro, porque cancelaram ou mesmo  
 não | receberam || Mas enfim vão os cem | mil reis que eram perdidos. | Si houver alguma cousa | a  
 comunicar-me, | estou á noite em casa | de José Eleuterio | Amigo certo | J.Mariano

A família Carneiro Leão é de Porto, Portugal, mas muitos membros vieram para o Brasil, no século XVIII, alguns para Pernambuco, Minas e Rio de Janeiro. Pela Lei do Tráfico, qualquer escravizado que entrasse no território ou portos do Brasil,

vindos de fora, ficaria livre. Quando todas as opções 'legais' acabavam – levar em consideração que existiam 26 sociedades abolicionistas atuantes em Pernambuco, cada qual com seu Fundo de Emancipação – é que os cupinzeiros eram acionados. Tudo leva a crer que a simples existência dos Cupins revela que existia uma demanda escrava, além de uma rede de solidariedade bastante ampla a ponto de chegar a partes distantes do Brasil, como o Pará (Braga, Flávia, 2015).

O diferencial deste trabalho é identificar e explicar as especificidades das correspondências inseridas no contexto de resistência abolicionista. A análise desta amostra identificou cartas de amigo, bilhetes e cartas institucionais, que relatam a luta pela abolição dos escravizados na província de Pernambuco, dando continuidade aos estudos das particularidades encontradas nas cartas pessoais. Para sistematizar a discussão, o presente artigo está organizado em cinco seções: após a introdução, são apresentados, o referencial teórico, a metodologia, a discussão dos resultados e as considerações finais.

## **1. Referencial teórico**

A base teórica na qual se buscará respaldo em termos de conhecimentos básicos acerca do assunto, dos conceitos essenciais para as reflexões e da perspectiva analítica adotadas baseia-se na Tradição Discursiva, com Castilho, Andrade e Gomes (2018), Gomes (2007), Kabatek (2005; 2006 e 2012), Koch (1997) e Longhin (2014), Shibya (2020), Gonçalves (2020); e na Linguística Histórica, com Lopes [et. al.] (2017), Mattos e Silva (2008) e outros.

De acordo com Kabatek (2006, p.7), a tradição discursiva (TD) pode ser entendida como “a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio”. Ele também nos fala que gêneros são tradições de falar, mas nem todas as tradições de falar são gêneros.

Para Koch (1997), o gênero textual não é uma entidade restrita a uma determinada língua histórica e os aspectos relativos às tradições discursivas não estão restritos apenas ao texto, mas podem também ser encontrados na fonologia, na morfologia, na sintaxe e no léxico. Neste estudo, o objetivo é analisar as correspondências destinadas a João Ramos, líder das sociedades abolicionistas a Nova Emancipadora e o Club Cupim, identificando as tradições discursivas e as estratégias de verbalização utilizadas em um cenário de luta e de resistência,



em Pernambuco, no século XIX. Para isso, foram consideradas a dimensão do gênero e também a dimensão do léxico, observando as estratégias de subversão. Nesta discussão, adotamos a sistematização proposta por Longhin (2014), ao analisar as tradições discursivas sob a perspectiva da temática, da composicionalidade e dos modos de dizer e cada gênero.

De acordo com a temática, as correspondências abordam temas abolicionistas, inclusive muitos pedidos feitos a João Ramos. Já quanto à composicionalidade, fizemos uma análise dos traços de mudanças e/ou permanência dos elementos composicionais dos subgêneros da carta pessoal. A carta tem uma macroestrutura rígida e analisamos o que se modificou ou permaneceu. Longhin (2014, p. 17) explica que há dois filtros, um corresponde às técnicas da língua, “que organizam os fatos linguísticos, como oposições fonológicas, construções morfológicas, arranjos sintáticos e escolhas lexicais”; o outro, às técnicas da tradição dos textos, que organizam os fatores linguísticos em unidades maiores, “em termos de conteúdo temático ou domínio mais amplo de sentido, composicionalidade e estilo”.

De acordo com Lopes *et. al.* (2017, p.187-214), “os traços fundamentais para o estabelecimento de uma TD como material composicional de um gênero textual são: a repetição e a evocação”. Lopes (2009) também esclarece que uma TD é evocada por uma situação concreta que se repete em determinado contexto e, dessa maneira, “a situação evoca outros encontros semelhantes em que se pronuncia a mesma estratégia” (KOCH; OESTERREICHER, 2007, p. 20-42). Deste modo, é possível identificar como as TD são evocadas nos gêneros analisados. Em cada correspondência é possível analisar as dimensões tradicionais de cada gênero, de maneira a perceber quais marcas são evocadas nas situações de interação entre amigos e confrades de luta. Este estudo trata das tradições discursivas entendidas como formas de falar e escrever que possuem um elo entre inovação e tradição, através da análise dos aspectos linguísticos e textuais que mudaram ou permaneceram nas cartas enviadas a João Ramos.

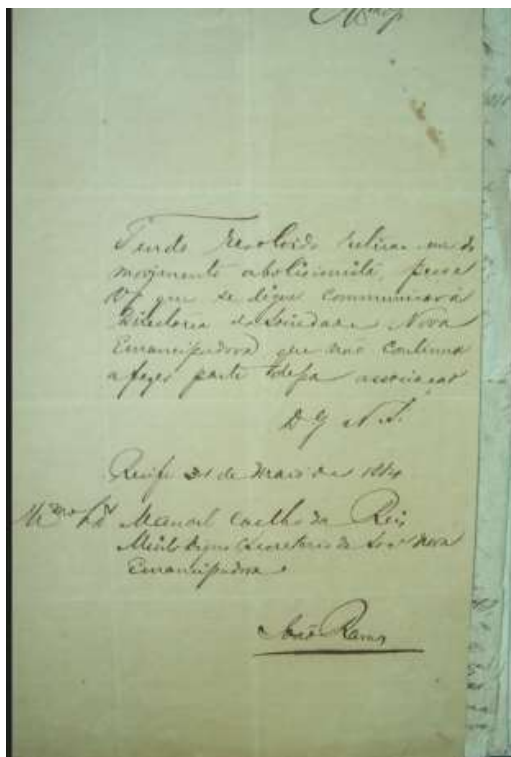
Shibya (2020) traz uma nova perspectiva sobre os estudos linguísticos diacrônicos e sincrônicos, à luz da tradição discursiva, fazendo uma relação com o estilo. Ele distingue, então, dois níveis diferentes de estilo: (i) individual e (ii) supraindividual: o estilo individual não representa por si só uma tradição discursiva, já que (...) as escolhas individuais de um autor permitem reconhecer um uso particular da língua, traços específicos, e com isso distinguir textos de diferentes autores. A possibilidade de distinguir o uso individual da língua a partir de traços específicos é o postulado fundamental da linguística forense (Shibya, 2020, p. 576). Já os estilos supraindividuais se baseiam em configurações funcionais genéricas interlinguísticas,

que cada língua atualiza de acordo com suas características tipológicas (Shibya, 2020, p. 578), a exemplo do estilo científico, técnico, periodístico, religioso, jurídico, etc. As correspondências enviadas a João Ramos serão analisadas quanto ao estilo supraindividual, pois sua tradição discursiva pode passar livremente de uma língua a outra porque se baseia em elementos de forma ou de conteúdo que não dependem das características tipológicas de uma língua em particular.

Já Gonçalves (2020) nos mostra que, ao estudar textos históricos, faz-se necessária a organização de edições conservadoras que adotam modelos de transcrição rigorosa e definam os objetivos e os métodos da edição. Nas cartas que compõem o *corpus*, optamos pela edição semidiplomática, por acreditar que este tipo de edição auxilia a aproximação do leitor com o texto, torna a leitura facilitada e, ainda assim, pode ser utilizado por linguistas e historiadores, por exemplo, que procuram nas transcrições confiabilidade em relação ao que foi escrito originalmente, como será explicado na metodologia.

Na carta de amigo (exemplo 2), João Ramos, pela data, ainda estava na presidência do Club Cupim, e avisa ao Manoel Coelho, secretário da Nova Emancipadora, a sua saída dos movimentos abolicionistas. Adotamos a edição fac-similar e a semidiplomática abaixo da imagem do documento. As abreviaturas foram desenvolvidas, a pontuação original foi mantida, assim como as letras maiúsculas e minúsculas. A acentuação e a ortografia também foram mantidas, não se efetuando nenhuma correção. A divisão das linhas nesta carta foi preservada, ao longo do texto, na edição, pela marca de uma barra vertical entre as linhas. Como não teve mudança de parágrafo, não precisou fazer a marcação de duas barras verticais.

Exemplo 2: Carta Institucional de João Ramos

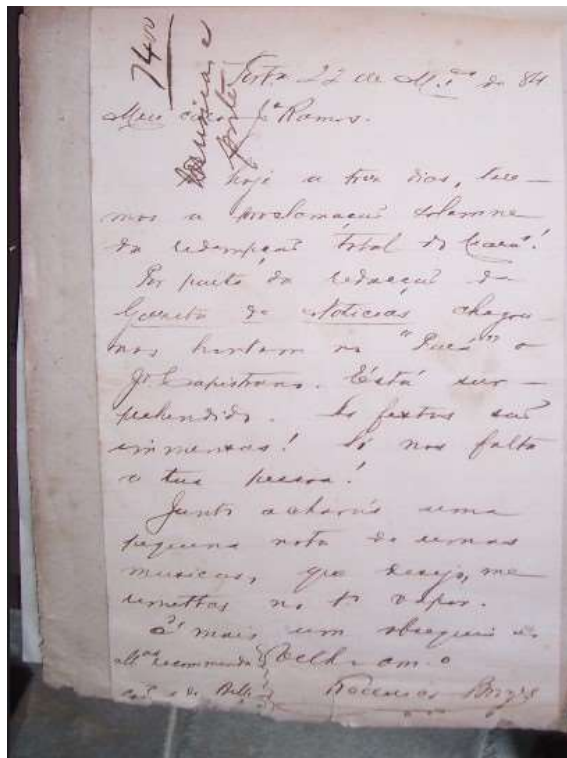


Fonte: elaboração própria (2023)

Illustrissimos || Tendo resolvido retirar-me do | movimento abolicionista peço a | Vossa Senhoria se digne  
 communicará | directoria da Sociedade Nova | Emancipadora, que não continuo | a fazer parte desta  
 associação. | [ilegível] | Recife, 31 de maio de 1884 | Illustrissimo Senhor Manoel Coelho do Reis | Muito digno  
 secretario da Sociedade Nova | Emancipadora | João Ramos

Neste outro exemplo abaixo, de uma carta enviada pelo confrade Frederico Borges, avisando da preparação para a festa da redenção total do Ceará e convidando João para celebrarem juntos, ele pede também que João mande, no próximo vapor, umas letras de música. Adotamos aqui as normas de transcrição do PHPB. Uma delas, o uso de duas barras verticais para a mudança de parágrafo.

Exemplo 3: Carta de Frederico Borges a João Ramos



Fonte: elaboração própria (2023)

Fortaleza, 22 de março de 84 | Meu caro João Ramos | De hoje a três dias, tere-|mos a proclamação solenne | da redempção total do Ceará ! | Em frente da redação da | Gazeta de Notícias chegou- | nos hontem no "Pará" a | J Capistemo. Está sur- |preendido. As festas são | immensas! Só nos falta | tua pessoa!! || Juntos acharás uma pequena | nota de umas musicas que desejo me remettas no proximo vapor. |Mais um obsqueio muitas ecommendas velho amigo |Frederico Borges

Quanto à estrutura padrão das correspondências, elas possuem o protocolo inicial, com a data e o local, o vocativo<sup>1</sup> e a saudação inicial<sup>2</sup>. Ainda sobre local e data, é realçada a posição

<sup>1</sup> É um dos elementos que fazem parte da seção de contato inicial das cartas, ou seja, da seção de abertura. Ele indica o tipo de relação mantida entre os interlocutores, simétrica ou assimétrica. Quando não tem esses dados é bastante comum em pesquisas com documentação de sincronias passadas. Os anos de produção foram, então, recuperados com base em informações externas ao texto, nos arquivos públicos onde estão armazenados.

<sup>2</sup> Podem estar incluída a captação de benevolência, ou referência à carta anterior. Nesse *corpus* muitas correspondências fazem referência à carta anterior.

que esse elemento ocupa na sequência do texto, na maioria dessas cartas, está situado no início da página. A esse respeito, podemos concluir que os elementos contextualizadores se configuram como TD nas correspondências. O núcleo da carta é a essência do documento analisado, expressa a vontade do autor, os temas predominantemente relacionados à causa abolicionista. Já, no protocolo final, temos o desfecho da carta e a assinatura do remetente da carta. No fechamento das cartas, geralmente, são encontradas algumas recomendações, palavras cordiais. Usualmente, a despedida é "elaborada numa constituição formulaica, recorrente, conectada com a natureza do gênero e conta com a identificação" do escrevente (Silva; Gomes, 2017, p. 62). Nas cartas de amigos, as despedidas são estruturas mais regulares que também

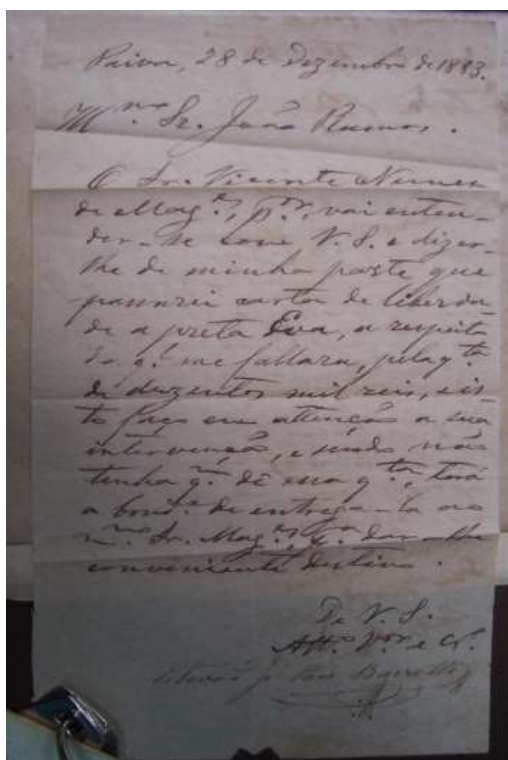
podem apresentar elementos de captação da benevolência. Nas cartas institucionais, a seção de despedida contém a assinatura do responsável pela associação e pode ter a captação de benevolência. Esta seção agrupa, pelo menos, duas tradições discursivas: o emprego de orações imperativas, no campo linguístico, e as recomendações, no campo discursivo. Através da despedida, notam-se os laços de afetividade. A assinatura, assim como o vocativo no início da correspondência, dá indícios da relação mantida entre os interlocutores, que são defensores da mesma causa. A depender do tipo de correspondência, elas possuem todas essas partes. As cartas de amigo, do século XIX, são bem diversificadas com a presença de expressões formulaicas de despedida, de expressividade emocional marcada pelo uso linguístico.

## **2. Metodologia**

Esta pesquisa foi desenvolvida metodologicamente em quatro etapas. A primeira etapa foi aprofundamento teórico, que contou com o aporte do modelo de Tradição Discursiva, auxiliando na identificação dos traços recorrentes na composição das cartas (Andrade; Gomes, 2018; Kabatek, 2004; 2006; 2018; Koch, 1997; Longhin, 2014). Na segunda etapa metodológica deste estudo, descrevem-se as cartas como documentos de investigação, com base na sociolinguística histórica. Nessa perspectiva, primeiramente, foi identificado o perfil social dos autores das missivas, o nível de letramento e o grau de participação nos movimentos abolicionistas. Na terceira etapa, fiz o tratamento do corpus, com o processo de transcrição dos documentos, seguindo as normas de

edição de manuscritos e impressos propostos pelo Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB). A edição semidiplomática foi escolhida para trabalhar nesse corpus, por acreditar que este tipo de edição auxilia na aproximação do leitor com o texto, torna a leitura facilitada e ainda assim pode ser utilizado por linguistas e historiadores, por exemplo, que procuram nas transcrições confiabilidade em relação ao que foi escrito originalmente. Além da edição semidiplomática, será disponibilizada, também, a edição fac-símile das correspondências e um cabeçalho informativo. Na quarta etapa, a análise qualitativa dos dados, no conjunto dos documentos, identificou-se os tipos de correspondências, os seus respectivos traços de tradicionalidade e estratégias de verbalização.

Exemplo 4: Carta de Estevão José Paes Barretto



Fonte: elaboração própria (2023)

Paiva, 28 de dezembro de 1883 | *Illustrissimo Senhor João Ramos* || O Sr. Vicente Nunes de Magalhães. [init] vai enten- | der-se com *Vossa Senhoria* e dizer- | lhe de minha parte que | passarei carta de liberda- | de a preta Eva, a respeito | da *qual* me fallara, pela *quantia* de | duzentos mil reis, e is- | to faço em atenção a sua | intervenção e, sendo não | tenha *quantia* dê essa *quantia* terá | a bondade de entrega-la ao *Illustrissimo Senhor Magalhães* dar-lhe | conveniente destino. || De *Vossa Senhoria* *Atencioso Venerador e Criado* | Estevão José Paes Barretto

### 3. Discussão dos Resultados

Para a discussão dos dados da pesquisa foi organizado em duas seções e suas subseções: o cenário abolicionista pernambucano e a finalidade comunicativa das correspondências, que aborda o contexto de produção das correspondências (cartas pessoais, cartas de associações e bilhetes) com a temática abolicionista do século XIX; o

das dimensões de tradição discursiva na composição das correspondências, tópico destinado à análise dos elementos constitutivo dos documentos; o da análise das estratégias de verbalização. Essetópico engloba a análise das formas de tratamento nas correspondências enviadas a João Ramos com enfoque nos traços de proximidade e de distância comunicativa e também a análise do léxico nas cartas num momento de luta e resistência.

### **3.1 Cenário abolicionista pernambucano e a finalidade comunicativa das correspondências**

No ano de 1880, duas associações abolicionistas foram criadas em Pernambuco, as quais desempenharam um papel de centralidade no combate à escravidão. Elas reuniram os pernambucanos defensores do fim da escravatura e, também, estabeleceram conexões com o movimento abolicionista em diferentes províncias. Em agosto de 1880, o Club Abolicionista foi fundado por integrantes da Faculdade de Direito do Recife e, em setembro do mesmo ano, criou-se a Sociedade Nova Emancipadora, composta por pequenos comerciantes<sup>3</sup>. Na década de 1880, o movimento abolicionista articulou-se de modo mais intenso para mobilizar diferentes parcelas da população, fosse rural ou urbana. As sociedades antiescravistas foram os expedientes que deram visibilidade ao tema da escravidão, que o governo tencionava ignorar.

Segundo Alonso (2002, p. 284), as províncias brasileiras replicavam as manifestações políticas e culturais que aconteciam na Corte, e em Recife não foi diferente, pois era lugar de bastante agitação contra as instituições imperiais. Além da conexão entre o movimento abolicionista do Recife e da Corte, é importante destacar o relacionamento estabelecido entre

---

<sup>3</sup> Peixoto, Fernanda Camargo Os movimentos festivos em prol da Abolição em Pernambuco (1884-1889) /Fernanda Camargo Peixoto. - 2020. 134 f.

as sociedades antiescravidão de Pernambuco e do Ceará. A forte conexão entre os movimentos abolicionistas do Ceará e de Pernambuco foram importantes para radicalizar as atividades dos pernambucanos e para gerar desconfiança da elite local em questões políticas, como nas propostas para alterar a aplicação do fundo de emancipação provincial (Castilho, 2012, p. 84). Essa situação denota que o movimento abolicionista era marcado por ideias e procedimentos diversos por parte de suas lideranças. Ao perder seu caráter sigiloso, foi renomeada para Club Cupim, no dia quinze do mesmo mês (Silva, Leonardo. 1988b, p. 28).

O Club Cupim foi criado, na província de Pernambuco, com a finalidade de lutar, por todos os meios possíveis, pelo fim da escravidão. Ele serviu de espaço de luta política e de

reconhecimento social para pessoas que não tinham poder político e/ou econômico. O Club Cupim era tido, pelos escravos, como a possibilidade mais desafiadora de conseguir a liberdade. Por meio de correspondências fragmentadas e quase diárias enviadas a João Ramos é que se demonstrava a força dos movimentos abolicionistas pernambucanos do século XIX. Muitas foram as correspondências enviadas a ele, um exemplo disso está na Nova Emancipadora, que alcançou a marca de 300 petições escravas entre 1881-1884 (Castilho; Cowling, 2013, p.189).

As correspondências também se converteram em suportes fundamentais para a circulação de notícias entre as associações abolicionistas da época. Elas foram bastante utilizadas como meio de comunicação entre as associações e os seus membros, e seus pedidos foram inúmeros: sensibilizar seu o senhor dono de escravos ou envergonhá-lo publicamente; denunciar os maus tratos, ajudar financeiramente para completar o pecúlio, etc. O contexto de produção dessas cartas pode ser resgatado em cada página, inclusive pelos de modos de dizer que subvertem o modelo habitual do gênero, o que consiste, sem dúvida, em uma estratégia necessária para o registro das solicitações destinadas ao líder da associação secreta. De um modo geral, as temáticas recorrentes eram: pedidos de ajuda para uma alforria, convites - quando as cartas eram enviadas por outras associações - e também relatos da violência que os escravos sofriam nas mãos de seus senhores de engenho.

A tradição discursiva do bilhete é evocada em contextos informais, uma comunicação escrita entre pessoas que possuem um grau maior de proximidade. Em resumo, são textos comunicativos que contêm mensagens simples, os quais são escritos em pequenos papéis e enviados por pessoas próximas a João Ramos, utilizando uma linguagem informal e coloquial tendo como principal função a informativa. Normalmente eles são escritos em primeira pessoa, textos breves (mesmo assim há tema), com linguagem coloquial, que demonstra marcas da oralidade e uma estrutura livre, muitos são informativos.

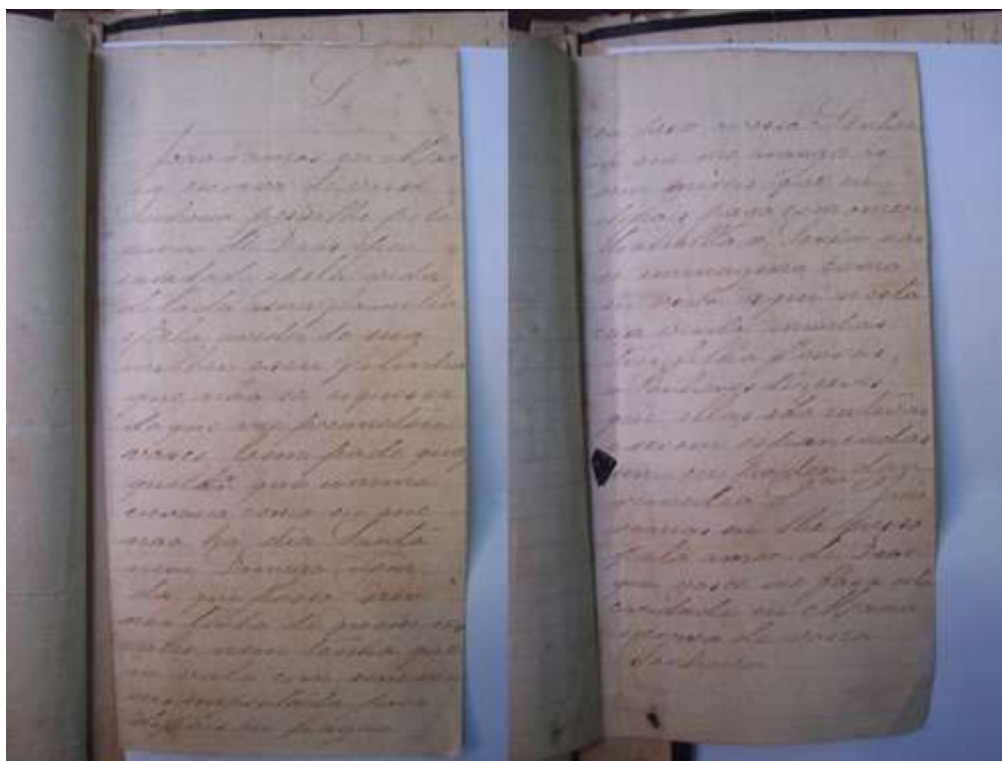
Já as cartas de amigo, recebidas por João Ramos, são diversificadas, contêm expressões formulaicas de despedida e marcas linguísticas que denotam expressividade emocional, que demonstram uma proximidade e ao mesmo tempo um respeito. Alguns recursos linguísticos demonstram uma relação de amizade e também distanciamento, por exemplo, com o empregode *Senhor*, já que é forma de tratamento cerimonioso. A temática da carta ajuda e reforça a adequação das estratégias de verbalização às finalidades comunicativas, cujo intuito é demonstrar que o destinatário possui poder para ajudar o remetente no atendimento a seu pedido.

As associações abolicionistas da época também enviavam correspondências para o



líder do Club Cupim, mandavam convites, tratando de conceder honrarias ou para assistir à festa de 25 de março, data da comemoração da libertação da província do Ceará. Nelas encontra-se, no cabeçalho da associação, o vocativo sempre cerimonioso- *Ilustrissimo Senhor*; no corpo da carta e na captação de benevolência com forma de tratamento respeitoso, com a *Vossa Senhoria*; na captação de benevolência com “*Receba Vossa Senhoria os sinceros protestos da mais alta estima e consideração.*” e o desfecho da carta. Os assuntos das correspondências reforçam a adequação das estratégias de verbalização às finalidades comunicativas, cujo intuito é demonstrar que o destinatário possui poder para ajudar o remetente no atendimento a seu pedido.

Exemplo 5: Maria escreve para João Ramos



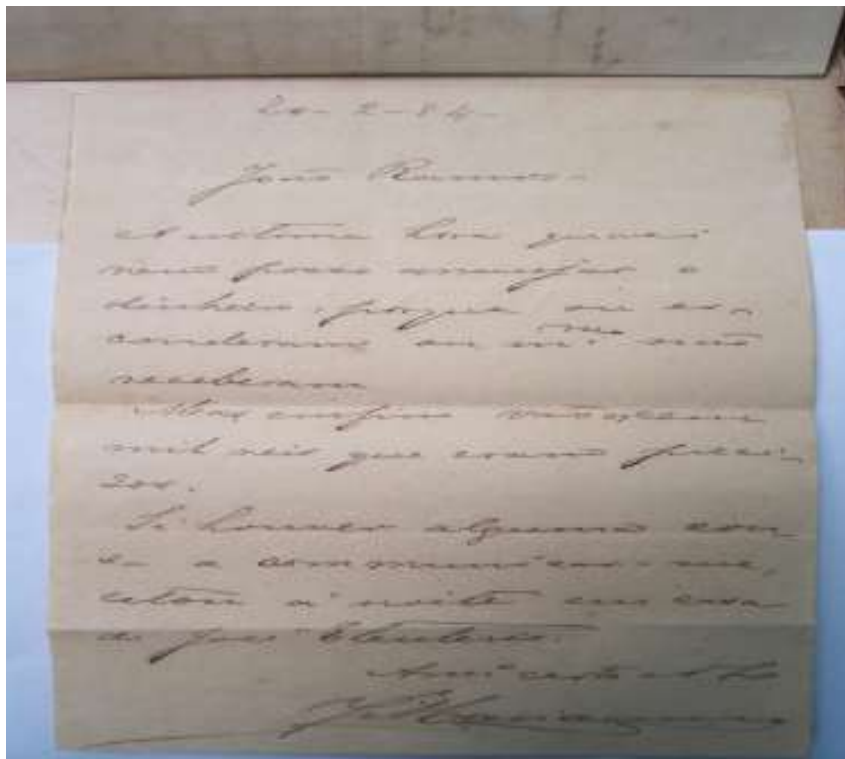
Fonte: elaboração própria (2023)

*Senhor João ramos eu Mar|ia escrava de vossa|Senhoria pesso lhe pelo| amor de Deos epor caridade epela vida| e de toda asua família| e pela avida de sua| mulher e seu filinho| que não se esquessa| do que me prometeu|vosce bem pode qual-|quellar que umma |escrava como eu que |nao há dia Santo|nem domingo e nem| da qui possa sair|não tenho de quem me| valer nem tenho que| m vala com sem mi|reis emprestado para| depois eu pagar fol2 eu pesso avossa Senhor|ia que me arange, os sem mireis que eu| depois pago com o meu| trabalho o Senhor não| se immagina como| eu vivo aqui nesta| casa vendo minhas| tres filha passar os senhores dizeres que ellas são cativas e serem espancadas| sem eu poder dar|remedio *Senhor. João*| ramos eu lhe pesso pelo amor de Deos|que vosce me fasa esta |caridade eu Maria escrava de vosca| Senhoria.*

No exemplo da carta anterior, há uma forte carga de emocionalidade quando a escrava Maria descreve como é conviver numa casa que sofre maus tratos [... | se immagina como| eu vivo aqui nesta| casa vendo minhas| tres filha passar os senhores dizeres que ellas são cativas e serem espancadas| sem eu poder dar|remedio *Senhor. João*| ramos eu lhe pesso pelo amor de Deos|que vosce me fasa esta |caridade eu Maria escrava de vosca| Senhoria.]. Na abertura, com o uso do pronome de tratamento Senhor muito utilizado nas correspondências, no corpo da carta e no fechamento há uma carga de emocionalidade que iremos analisar mais detalhadamente em outro tópico. Poucos escravizados eram alfabetizados e aqueles que sabiam escrever, a escrita era inábil. Não há como afirmar que esta carta foi escrita pelas próprias mãos de Maria. O escrevente utiliza, ainda, a forma de tratamento Vossa Senhoria (uma forma nominal utilizada para tratamentos respeitosos em geral) e relata os maus tratos que suas filhas sofriam e a falta descanso, pedido de uma ajuda financeira e, de certo modo, cobra a ajuda de que João Ramos prometeu, quando diz: “[...] | *que não se esquessa| do que me prometeu|vosce bem pode qual-|quellar| [...]”*.

Já no exemplo 6, o bilhete apresenta marcas de uma escrita experiente, com elevado grau de letramento, o que justifica suas mãos hábeis no que tange à escrita. Trata-se de um bilhete enviado por José Mariano ao amigo João Ramos. Nele há data, vocativo, fechamento e assinatura. A forma direta de se dirigir ao destinatário, sem o uso de forma de tratamento mais cerimoniosa, evidencia uma interação simétrica entre dois amigos, em que não há necessidade de um tratamento mais formal. Outro aspecto recorrente na composição desse bilhete é que a indicação de local se torna dispensável, talvez porque as associações atuam de maneira clandestina ou, pelo fato de ser um bilhete, portador de uma mensagem mais direta, não há necessidade de colocar elementos contextualizadores como o local, a cidade.

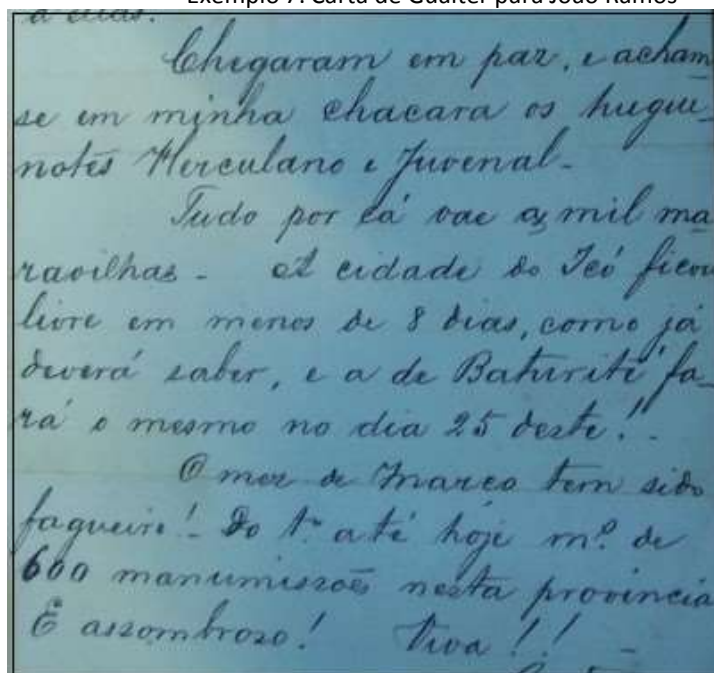
Exemplo 6: Bilhete de José Mariano



Fonte: elaboração própria (2023)

20-2-84 | João Ramos | A Ultima hora quasi | não posso arranjar o | dinheiro, porque cancelaram ou mesmo não | receberam || Mas enfim vão os cem | mil reis que eram perdidos. | Si houver alguma cousa | a comunicar-me, | estou á noite em casa | de José Eleuterio | Amigo certo | J.Mariano

Exemplo 7: Carta de Gualter para João Ramos



Fonte: elaboração própria (2023)

[.. Chegaram em paz e acham | se em minha chacara os hugue | note<sup>4</sup>s Herculano e Juvenal. || Tudo por cá vae as mil m- | ravilhas. || A cidade de Icó ficou | livre em menos de 8 dias, | como já deverá saber, e a de Baturité fa- | rá o mesmo no dia 25 deste. || O mes de março tem sido | faqueiro!! So assim até hoje mais de | 600 manumissões nesta provincia. | E assombroso! Viva!!! | Gualter!! ]

- **Dimensões de tradição discursiva na composição das correspondências**

A carta é um gênero que apresenta uma estrutura recorrente e propriedades facilmente reconhecidas em qualquer língua histórica. Em relação ao aspecto formal e estrutural, observam-se outras características comuns, como o protocolo inicial, que tem a presença da data, local, as saudações iniciais, vocativo e pode ter a captação de benevolência; o corpo do texto; e, por último, o protocolo final, que é o fechamento que inclui as saudações finais de despedida, assinatura e pode ter a captação de benevolência.<sup>5</sup> Tais elementos são básicos e

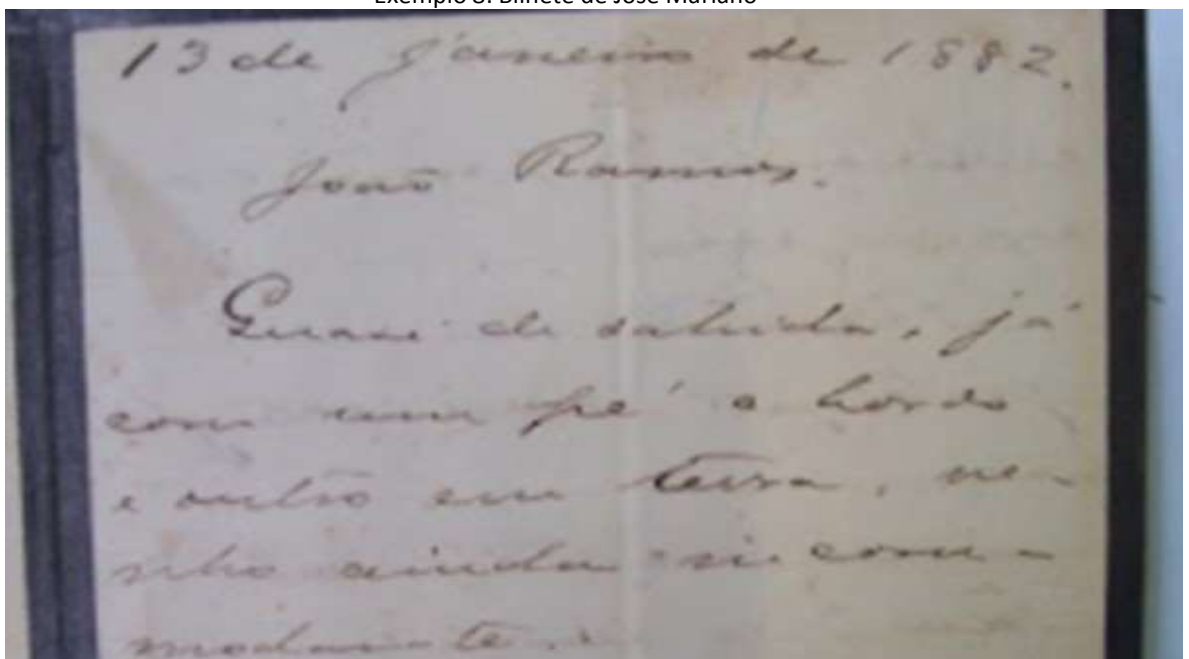
<sup>4</sup> Naquele tempo escravos fugitivos estavam sendo embarcados por abolicionistas e aliados com método e regularidade

<sup>5</sup> Não é fixa, pode aparecer no início, no meio ou no final da missiva, porém é mais frequente na abertura ou na conclusão (Silva, 2018).

são utilizados para identificar minimamente o gênero carta. Através das cartas, é possível conhecer o escrevente e seu contexto de vivência, podendo situá-las no espaço (local) e no tempo (data); ainda podemos observar as escolhas/estratégias linguísticas que podem trazer pistas sobre o perfil social e as relações simétricas/assimétricas entre os escreventes (Gomes, 2014). A estrutura retórica tradicional das cartas auxilia na identificação de traços peculiares da relação entre os interlocutores, fundamental para a caracterização de cada tipo de correspondência que compõem a amostra.

- **Abertura:** local e data, é de destaque a posição que esses elementos ocupam na sequência do texto, na maioria dessas cartas, estão situados no início da folha. A esse respeito, podemos concluir que os elementos contextualizadores se configuram como TD nas correspondências.

Exemplo 8: Bilhete de José Mariano

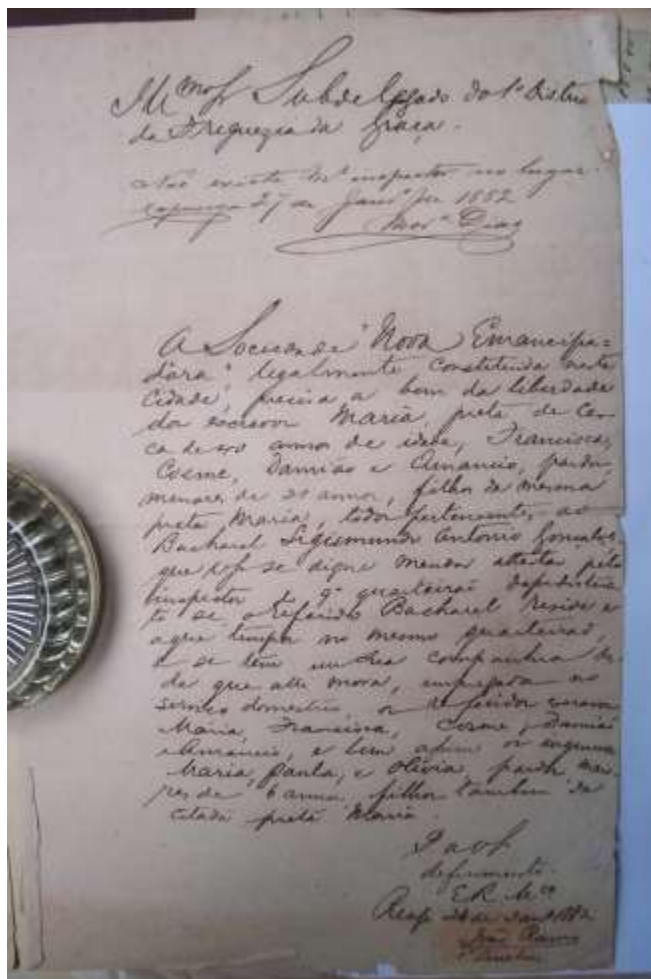


Fonte: produção própria (2023)

[13 de janeiro de 1882 | João Ramos || Quase de sahida, já |com um pé a bordo| e outro em terra, ve-|nho ainda...]

- **Vocativo:** faz parte da sessão de abertura da carta, no contato inicial das cartas. Ele indica o tipo de relação mantida entre os interlocutores, simétrica ou assimétrica. Na grande maioria das cartas, encontramos formas de tratamento mais íntimo e uma relação horizontal entre os interlocutores e os tratamentos mais cerimoniais sugerem certa formalidade; todavia, pela natureza das informações trocadas e a intimidade da maior parte dos conteúdos, percebemos o caráter informal das correspondências (Carneiro, 2005). Nas cartas de amigo, o vocativo pode incluir nome do destinatário ou vir acompanhado de fórmulas de cortesia. Já nas cartas Institucionais desta amostra, em um dos exemplos analisados, ela foi escrita pelo remetente imbuído da sua função social. Não foi escrita em primeira pessoa, mas se reportando à Associação. Por exemplo, quem faz o pedido ao subdelegado é João Ramos, mas em nome da associação Nova Emancipadora<sup>6</sup>.

Exemplo 9: Carta enviada pelo subdelegado



Fonte: elaboração própria (2023)

Ilustrissimo Senhor Subdelegado do 1º Distrito | da Freguezia Graça | Não existe muito inspector no lugar | (Capunga) 27 de janeiro de 1882 | [ilegível] Dias || A Sociedade' Nova Emancipa= | dôra" ,legalmente, constituída nesta | cidade precisa a bem da liberdade | da escrava Maria Preta de cer | ca de 40 anos de idade,

Francisca, | Cosme, Damião e Amancio, pardos menores de 21 annos, filha da mesma | preta Maria, todos pertencentes ao | Bacharel Sigismundo Antonio Gonçalves. Que como se digne mandar attestar pelo inspector do 9º quarteirão [depe]distic- | to se, oreferido Bacharel reside e aqui | tenho no mesmo quarteirão, e | se tem, em sua companhia des- | de que alli mora, | empregava no serviço domestico, areferida escrava | Maria Francisca, Cosme, Damião | e Amancio | e bem afim a ingennua Maria, Paula e Olivia, parda, maio- | res

<sup>6</sup> O vocativo usado nessa carta, que é direcionada ao subdelegado, foi o *Ilustríssimo Senhor*, um tom mais cerimonioso e no fechamento assina esta correspondência como 1º secretário da Nova Emancipadora

de 6 annos filhas tambem da | cidadã preta Maria | [Ilegível] | Deferimento. | e receberá Mercê. | Recife 26 de janeiro 1882 | João Ramos | 1º secretário

- **Captação de benevolência:** Pode ser encontrada nas cartas de amigo, nos bilhetes e nas cartas das associações, dependendo da natureza da correspondência pode aparecer ou não. No bilhete e nas cartas de associação é raro, entretanto, nas cartas de amigo, aparece normalmente próxima à saudação inicial ou na conclusão, pois, nesta amostra, poucas são as ocorrências no contato inicial das cartas de amigo, em virtude da finalidade comunicativa. A captação de benevolência, embora não seja item obrigatório na constituição das cartas de amigo, pode aparecer diluída no corpo do texto. Algumas correspondências apresentam traços típicos da captação de benevolência tanto na abertura quanto no fechamento do texto. De acordo com Souza e Gastaud (2012), a captação de benevolência é um elemento através do qual o escrevente apresenta seus sentimentos ou condição (humildade, generosidade, dependência, etc.) em relação ao destinatário. Portanto, os autores das cartas de amigo, ao captarem a benevolência do interlocutor, em distintos momentos no texto, buscam estabelecer um compromisso afetivo.

Exemplo 10: Carta de Maria Antonia da Conceição

Ill.º Sr. João Ramos  
 Estimo que essas mal traça  
 das letras vá lhe achar  
 gozando perfeita saúde  
 e toda familia esteja  
 sem novidade algum  
 quanto para mim desejo  
 Senhor João Ramos vou  
 por meio desta emplorar

Fonte: Elaboração própria (2023)

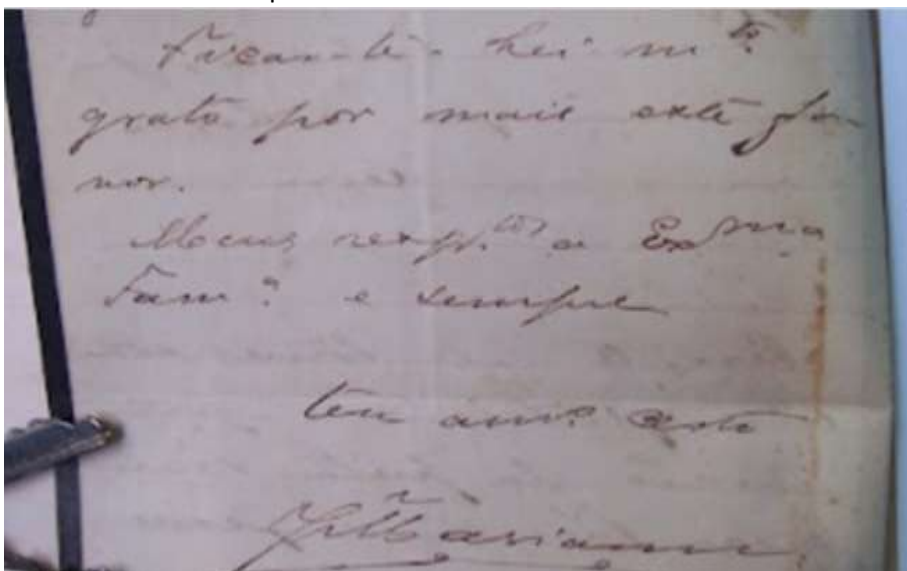
[ *Ilustríssimo Senhor* João Ramos | Estimo que essas mal traça | das letras vá lhe achar | gozando perfeita saúde | e toda familia esteja | sem novidade algum quanto pra mim desejo | Senhor João Ramos vou | por meio desta emplorar | aos pes da | ...]

- **Corpo do texto:** neste espaço, encontra-se o motivo pelo qual o texto foi escrito (Silva, 2017), portanto é a

parte mais flexível da estrutura das cartas. O tema recorrente nesta amostra é o cenário de luta abolicionista em Pernambuco, no século XIX. A subjetividade é percebida através das estratégias usadas no corpo da carta para que se chegue ao objetivo central.

**-Despedida:** no fechamento das cartas, geralmente, são encontradas algumas recomendações, palavras cordiais e a assinatura. Usualmente, a despedida é “elaborada numa constituição formulaica, recorrente, conectada com a natureza do gênero e conta com a identificação” do escrevente (Silva; Gomes, 2017, p. 62). Nas cartas de amigos, as despedidas são estruturas mais regulares, que também podem apresentar elementos de captação da benevolência. Esta seção agrupa, pelo menos, duas tradições discursivas: o emprego de orações imperativas, no campo linguístico, e as recomendações, no campo discursivo. Através da despedida, notamos os laços de afetividade. A assinatura, assim como o vocativo no início da correspondência, dá indícios da relação mantida entre os interlocutores. Sendo assim, as partes constitutivas das cartas nos revelam de traços específicos da relação entre os missivistas, fundamental para a caracterização de cada tipo de correspondência que compõem a amostra.

Exemplo 11: Carta de José Mariano

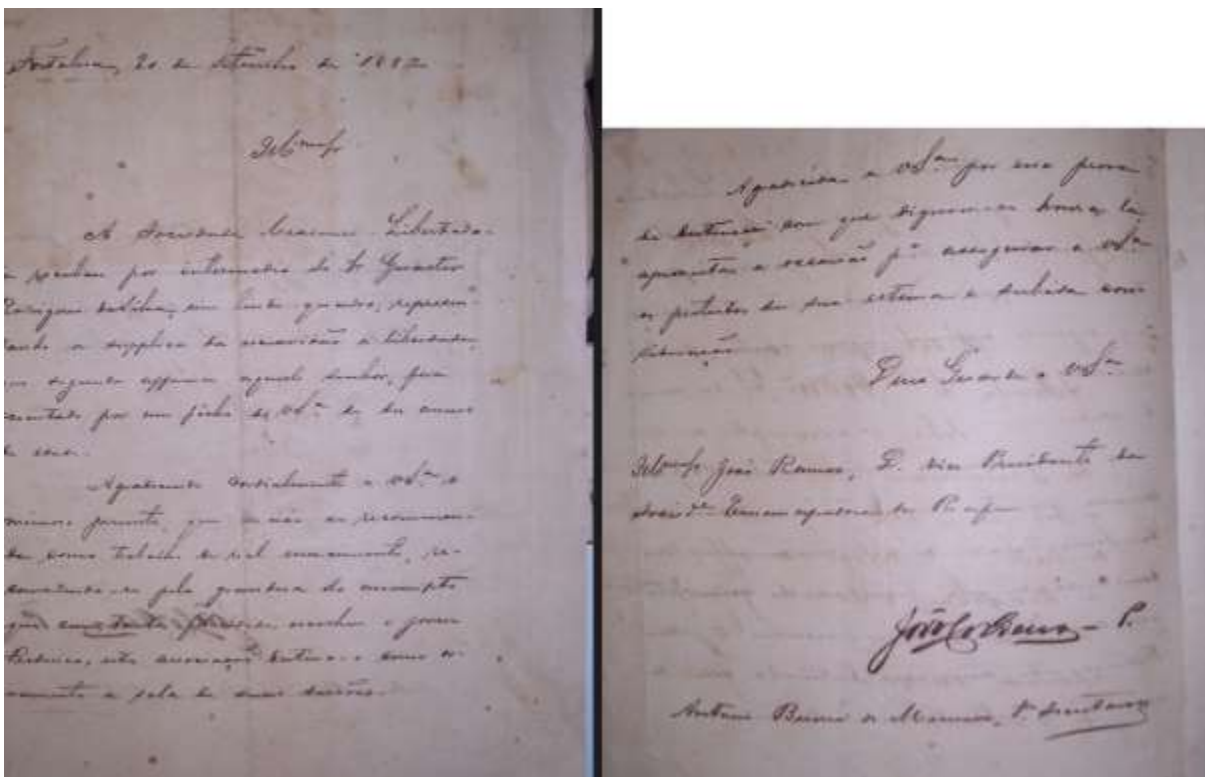


Fonte: elaboração própria (2023)

[...] | Ficar-li hei muito | grato por mais este fa- | vor. | Meus respeitos a *Excelentissima Família* e sempre || Teu amigo certo | José Mariano]

No exemplo anterior, uma carta de amigo, na seção de fechamento, há captação de benevolência, assinatura do remetente. Já no exemplo seguinte, que é uma carta de institucional:

Exemplo 12: Carta enviada por João Cordeiro



Fonte: elaboração própria (2023)

Fortaleza 20 de setembro de 1882 | | *Ilustrissimo Senhor* | | A sociedade cearense Libertado- | ra recebeu por intermedio do Senhor Gualter | Rodrigues da Silva, um lindo quadro represen- | tando a suplica da escravidão a liberdade, | que segundo affirma aquele senhor, para | executar por um filho vosso de dois anos | de idade. | | Agradecendo cordialmente a Vossa o | mimo. presente que si não recomen- | da como trabalho de mal nascimento, | recomen- | da como trabalho de tal merecimento, reco- | menda-se pela grandesa do assumpto | que com tanta felicidade escolheu o jovem | Frederico, esta associação estima-o como or- | namento a fala das seus irmãos. | | [fol2v] Agradecida a vossa senhoria por essa prova | de distinção com que dignar-se honra-la aproveito a ocasião para assegurar a Vossa *Senhoria* os protestos de sua estima e subida com- | sideração. | | Deus guarde a Vossa *Senhoria* | *Ilustrissimo* João Ramos, D. via presidente da | Sociedade Associação Emancipadora do Recife. | | João Cordeiro- P. | Antonio Bezerra de Menezes 1º secretário.

Essa carta foi classificada como Institucional, pois foi assinada pelo presidente e pelo o 1º secretário da Sociedade Cearense Libertadora, imbuídos das suas funções sociais. Não foi escrita em primeira pessoa, mas se reportando à Associação. Por exemplo, quem agradece o mimo recebido é a famosa associação abolicionista Cearense.

É interessante registrar que as correspondências analisadas foram enviadas por escreventes ilustres que possuíam domínio da escrita. É interessante considerar a inabilidade e habilidade das mãos dos escreventes. De acordo com Santiago e Carneiro (2016, p. 92) “a identificação de algumas marcas de inabilidade em escrita alfabética, em vários planos, nesses textos, permite perceber que os redatores têm pouco domínio da técnica de escrita”, como ausência de *cursus*; uso de módulo grande; ausência de regramento ideal; traçado inseguro; letras com aparência desenquadrada; rigidez e



falta de leveza do conjunto; irregularidade da empaginação, e letras monolíticas. Assim, a inabilidade não está relacionada à oralidade, mas sim à escrituralidade. O que caracteriza uma mão inábil é a dificuldade da representação escrita. Concluimos, através da posição social, do nível intelectual de cada escrevente, como também pelas características apontadas por Santiago e Carneiro, que eles tinham habilidade com a escrita<sup>7</sup>. Desse modo, o nosso corpus é composto de cartas escritas por mãos hábeis.

- **Análise das estratégias de verbalização**

Para este tópico, fizemos uma análise sob duas vertentes, na primeira, as formas de tratamento (enfoque nos traços de proximidade e de distância) em cartas pessoais e, na segunda, o uso do léxico num momento de luta e resistência. Analisar as formas de tratamento em cartas pessoais é estudar a língua em uso em sua modalidade escrita, ou seja, o uso real, em uma situação concreta de interação. A escolha ou a restrição de determinados usos linguísticos é motivada a partir da intenção e do objetivo dos interlocutores em um ato comunicativo. Novaes (2006, p.5) salienta que a carta pessoal é uma “comunicação eminentemente pessoal, uma correspondência que efetiva um contato privado e, quase sempre, constante, entre indivíduos – familiares e amigos íntimos – que mantêm entre si um relacionamento estreito.”. As cartas pessoais analisadas têm os registros de missivas trocadas entre amigos. Outra característica importante deste *corpus* é o fato de ter sido escrito por ilustres personagens do cenário abolicionista no Ceará. Assim, as cartas foram produzidas por mãos hábeis, com uma escrita que se aproxima da oralidade (Vaamonde, 2015, p. 2). Sobre isso, Costa (2012, p. 145) afirma que “\*...+ é o relacionamento entre os interlocutores que define o espaço que uma determinada carta pessoal poderá ocupar entre os diversos agrupamentos de cartas pessoais”, cartas institucionais, cartas de amigos e bilhetes, como a amostra desta pesquisa.

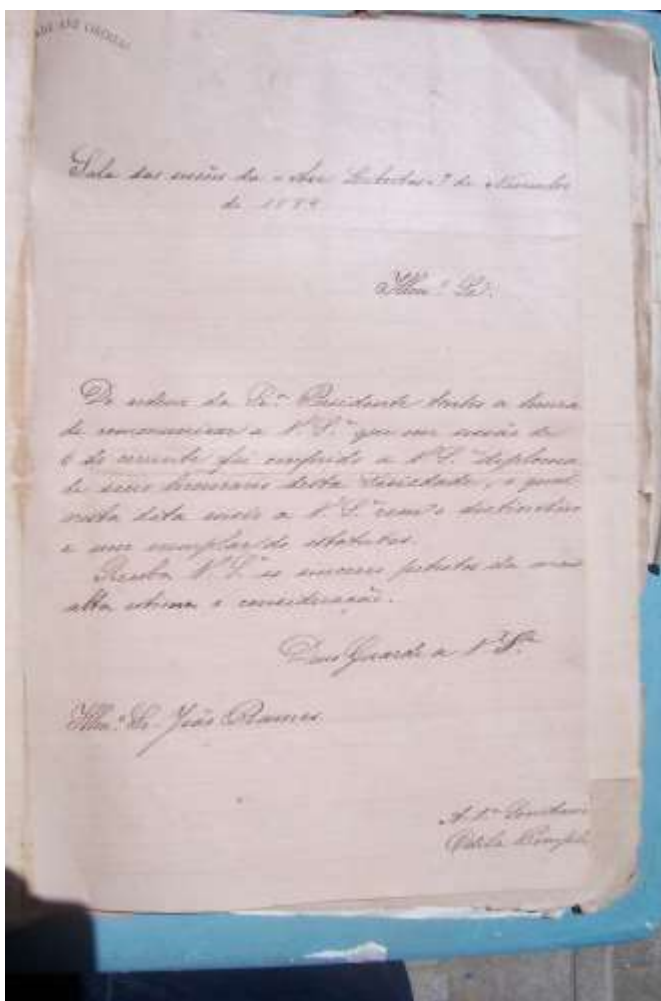
As marcas linguísticas presentes nas cartas pessoais demonstram, segundo Koch & Oesterreicher (2006), proximidade da comunicação, semelhante à face a face. Os parâmetros da distância comunicativa correspondem aos traços de fixação dos modos de dizer de um gênero textual. No caso das correspondências enviadas a João Ramos, sobretudo e cartas de

---

<sup>7</sup> Em nosso *corpus* os escreventes são jornalistas, juízes, políticos, senhores de dinheiro. Em outro tópico faremos um detalhamento maior de cada escrevente.

amigo, os modos de dizer encontram-se no âmbito da escrituralidade, por outro lado, há marcas de imediatez comunicativa, que dispõem de expressões que revelam envolvimento, intimidade, emocionalidade. Já a carta institucional apresenta registros de fixidez dos seus modos de dizer, os quais impedem que haja a presença do viés emotivo em sua constituição, evidenciando marcas de distância comunicativa.

Exemplo 13: Carta Institucional da Ave Libertas



Fonte: produção própria (2023)

Sala das sessões da Ave Libertas 7 de novembro | de 1884 || *Ilustrissimo Senhor.* || De ordem da *Senhora* Presidente tenho a honra | de comunicar a *Vossa Senhoria* que em sessão de | do corrente foi conferido a *Vossa Senhoria* o diploma | de socio honorario desta sociedade,o qual | nesta data envio a *Vossa Senhoria* um exemplar do estatuto. | Receba *Vossa Senhoria* os sinceros protestos da mais alta estima e consideração. | Deus guarde a *Vossa Senhoria* | *Ilustrissimo Senhor.* João Ramos | Att [init] Secretaria | Odila Pompilio

As características de uma carta pessoal podem mostrar parâmetros de que ela se encontra no polo de distância comunicativa ou de proximidade. A comunicação possui elementos dos contextos situacional e sociocultural que precisam, na medida do possível, ser

verbalizados. Das condições comunicativas correspondentes à imediatez<sup>8</sup> e à distância resultam determinadas preferências por diferentes estratégias comunicativas e maneiras para que essa comunicação ocorra. Nas cartas de amigos, se destacam traços de imediatez comunicativa na abertura, no corpo do texto e no fechamento. Neles encontramos expressão coloquial, adjetivos e diminutivos que demonstram uma relação de aproximação com o abolicionista João Ramos. Esses traços de proximidade foram encontrados nas cartas de amigo.

Analisar as formas de tratamento em cartas pessoais é estudar a língua em uma situação concreta de interação. A escolha ou a restrição de determinados usos linguísticos é motivada a partir da intenção e do objetivo dos interlocutores em um ato comunicativo. Na produção da carta, à medida que acontece uma maior aproximação entre os missivistas, uma maior proximidade comunicativa, os missivistas vão incorporando aos seus textos as marcas de informalidade. Em outras palavras, é necessário conhecer os modos de dizer que regem a organização desse tipo de construção textual, marcado por fórmulas recorrentes. A descrição e a comparação de textos de diferentes épocas comprovam a existência e a ocorrência de tradições histórico-discursivas e evidenciam as relações entre texto, língua e sociedade, possibilitando “saber em quais TD uma inovação é criada, como se difunde ao longo das TD, e também onde há TD resistentes às inovações, TD que preservam elementos que em outras TD não se usam mais” (Kabatek, 2006, p. 516; Silva; Gonçalves, 2019).

Rumeu (2004) discute que o pronome de tratamento *Vossa Mercê*, no Brasil, entre os séculos XVIII e XIX, está presente em cartas oficiais e não oficiais em um estágio intermediário de mudança no sistema pronominal e, muitas vezes, ainda se encontra a forma *Vossa Mercê*. Esta, por sua vez, já é considerada, desde a época, semântica e referencialmente arcaica, presente, algumas vezes, em construções formulaicas próprias da natureza dos textos. A partir da análise, observamos que, no vocativo das correspondências, foi utilizado um pronome de tratamento bastante recorrente, *Senhor*, reiterando-se sua função por meio da repetição e da evocação. Essa é uma das tradições sociodiscursivas que são registradas até hoje no português brasileiro, ainda que atualmente seu uso tenha mais relevância estilística, com ênfase na tradição social. A necessidade dessa recorrência se dá para cumprir um protocolo de formalidade próprio das correspondências enviadas por pessoas que não eram tão próximas a

---

<sup>8</sup> Koch, P., Oesterreicher, W., Caldas, R., & Urbano, H. (2013). Linguagem da imediatez – linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua. *Linha D'Água*, 26(1), 153-174.

João Ramos, distinguindo-se pelo modo de tratar, em função do status social do destinatário da petição e sua posição na sociedade abolicionista pernambucana. É preciso lembrar também que, nestas cartas, foi utilizado, além da forma nominal Senhor, outras formas de tratamento, que marcavam formalidade e antecedeu a unidade lexical Senhor, como *Ilustríssimo Senhor*. O bilhete, por ter características informais, mais parece uma comunicação face-a-face, ignora o tratamento cerimonioso. Já nas cartas institucionais apresentam a forma de tratamento o *Ilustrissimo Senhor* na seção de abertura e, mesmo que a carta possua assunto particular, a formalidade da carta não é quebrada. Os modos de tratamento fixos, a partir dos papéis sociais assumidos pelos missivistas, a finalidade comunicativa são fatores que conferem essas cartas à predominância de traços de distância comunicativa.

O quadro abaixo evidencia que, nas cartas de amigo e bilhetes, predomina uma comunicação marcada pela espontaneidade, proximidade e por diferentes níveis de intimidade entre os interlocutores (Souza, 2012), indivíduos que geralmente possuem um relacionamento estreito. Já as cartas institucionais, aquelas enviadas pelas associações amigas, utilizam uma composição mais formulaica e o teor mais próximo da formalidade.

Quadro 1: Quadro resumo

	Carta de amigo	Carta Institucional	Bilhete
Local e data	Sim	Sim	Nem sempre
Vocativo	Sim	Sim	Sim
Captação de Benevolência	Nem sempre	Não	Não
Pedidos e Recomendação	Sim	Sim	Sim

Fonte: Elaboração da autora (2023).

Os exemplos 14, 15 e 16 são cartas de amigos, que destacam, na abertura, no corpo do texto e no fechamento, traços de imediatez comunicativa. Neles encontramos expressão coloquial, adjetivos e diminutivos que demonstram uma relação de aproximação com o abolicionista João Ramos. Esses traços de proximidade foram encontrados nas cartas de amigo. No exemplo 12, há traços de proximidade na abertura com o uso do vocativo “Amigo e Irmão”, no corpo da carta tem a palavra “amigo” e no fechamento “Desejo amigo abraços”. No exemplo 13, há o uso do adjetivo “infeliz” e o uso do eufemismo, quando se refere à libertação dos escravos como “doce atrativos” e para finalizar a carta ele se despede com “Adeus, abraço a teu amigo”. O uso do possessivo do paradigma de Tu revela uma maior intimidade entre os missivistas, corroborando o afirmado por Rumeu (2013) e Gomes(2014).

## Exemplo 14

**Amigo e Irmão João Ramos** || Hontem o esperei no passeio e não | o vi || já fui hoje tres vezes em sua casa | sem o poder encontrar. || Pencei que em informe como podemos | enviar um telegramma para Pernambuco a fim | de saber-se ao certo se o escravo Sebastião | de Jose Francisco Ramos do Aracaty acha- | se a bordo do vapor Ipojuca contrartar | com o Governamente para prestar o seus serviços; | ou si foi remetidos para outro lugar. || Mandando o Presidente informar as cartas são daquele cidade o que havia conjunto | dessa escrava, isto[init] que João Ramos | o engamcou e tendo do vapor Ipojuca; entre- | [fol 2v] tanto na afiança que não é exacto que || Sebastião da cadeia de Aracaty sahiu alta | mente para bordo do mencionado vapor com | destino a Pernambuco. | Sebastião foi [mantido] pelo senhor | em 23 de maio ultimo, e assim não po- | dia ser [init] para aquella província || Desejo desmentir as manchetes e preciso de um telegrama de alguma pessoa | de confiança do Pernambuco em que sem- | pre não sei exacto o que allega o cal- ledor. || Ai para **amigo** me pode arranjar isto, | sendo como pretendo liquidar esse negro | preto formal, e não o quero [init] sem um | dado algum. || [fol 3] Estou muito certo que é factu o que | informou o cidadão | Sendo possivel, quiz a ou um manda | para dirigir um telegrama e alguem que | verifique este negocio e informe sua semana | o que ha de [ilegível] || **Desejo amigo abraços** | Antonio Bezerra | 15 de novembro de 1882.

## Exemplo 15

Ceará, 9 de junho de 1881 | **Amigo J. Ramos** | Logo que recebi sua carta escrevi | para o lco pedindo a certidão da idade da | **infeliz Joanna Adelina d' Oliveira** e no Libertador | sahirá brevemente um artigo sobre esse | factu. A nossa vida aqui é agitada, a | luta com os negreiros é tremenda; | os assassinos | estipendiados por elles andão fazendo-nos terriveis. | ameaças! A faazer a tudo isto a ideia progride, | as fileiras engesarão e nós ao representantes da | Libertadora Cearense, estamos dispostos a lutar | até mesmo de Casabina em junho.... || As nossas sessões já secretas , e como, | para baixar o **valor da mercadoria preta**, era | necessario fazer a lei do paiz, nós a fizemos | com incrível denovo prhíbimos o embarque | dos escravos e agora estamos creando associações | em toda provincia para proteger a fuga | dos negros em larga escala. Mais de 100 | já, arbitrariamente, gosão do **doces athrivos** | liberdade. Creio que eu nesttes 5 annos | esta terra poderá mandar dizer ao | Sr. J. Pedro 2º : Não temos mais escravos | mandai-nos excluir do mapa do | Vosso Imperio, que tem frades, freiras e | escravos somos incompatíveis | com esses elementos, que symbolisão o passado.= || **Adeus, abraço a teu amigo** | João Cordeiro

## Exemplo 16

João Ramos | Ceará, 20 de novembro 83 || Os amigos do Rodrigão para | intrigar-nos com o Dr. Satyro, | mandaram pelo **infame** delega- | do de policia desta Capital pren- | der Manoel e Felipe. Eu que | já perdi o habito de dormir | sabendo de tudo em tempo, | procurei esbandalhar o pla- | no **da canalha negrita** | tudo foi salvo. Reque- | ri Habea Corpus ao juiz de | Direito Dr. Barbosa Lima, | este depois das necessárias | averiguação (Deitou )**inglez** na rua. Aguardo a decisão | [fol 2v] da relação para firmar | o primeiro de que no | Ceará mas se pega mais | **negros fugidos**. || Os dois **inglezes** ficão | em minha companhia .Diga ou mande dizer | às B. Arouxa que | os rapazes só irão á essa | terra quando eu manda-los | em **missão especial** para | dar-lhe dois ponta fiel na carta. || Estamos dando batalha | no resto dos escravos da | [fol 3v] provincia, afim de | ver se até segunda | inquiladamos a **factura**. || **A lei do Serpa vai | produzindo optimos resul- | tados. Estou soffrendo A uma guerra de morte | por parte dos politicos que | estão no poder, mas , feliz- | mente não me poderão | aniquilar porque não | tenho factu em minha | vida que me fação | recusar. Tenho coragem | de sobra para enfrontal-os | [fol 4v] e não consentir | que fação desta terra | uma segunda de africanos.|| Tenho a meu lado os | senhores talentos e | honestos cidadãos | da provincia. || Dispõe, do **amigo** e | João Cordeiro**

No exemplo 16, há uma carga emocional quando usam as expressões “estou sofrendo uma guerra de morte” e no uso dos adjetivos “infame”, “senhores talentos” e “honestos cidadãos da provincia” e para finalizar há um grau de intimidade com o destinatário, quando no protocolo inicial tem só o nome do João Ramos e no fechamento da carta “dispõe do amigo”.

Já nos exemplos 17, 18, 19 e 20, as cartas institucionais, os remetentes estão imbuídos das funções sociais, que exerciam. Essas cartas institucionais apresentam a forma de tratamento do *Ilustríssimo Senhor* na sessão de abertura. Mesmo que a carta possua assunto particular, como o exemplo abaixo, a formalidade da carta não é quebrada. A missiva foi escrita para agradecer o presente recebido de um abolicionista, Gualter da Silva. Foi um quadro, que representava a súplica pela liberdade dos escravos através de uma pintura de uma criança escrava de dois anos, com uma carga emocional da situação, mesmo assim não quebra a formalidade da carta institucional. Já no fechamento temos uma captação de benevolência “Agradecida a vossa senhoria por essa prova de distinção com que dignar-se honra-la aproveito a ocasião para assegurar a Vossa Senhoria os protestos de sua estima e subida consideração” e no fechamento com “Deus guarde a Vossa Senhoria”.

#### Exemplo 17

Fortalesa 20 de setembro de 1882 | **Ilustríssimo Senhor** || A sociedade cearense Libertado- | ra recebeu por intermedio do Senhor Gualter | Rodrigues da Silva, **um lindo quadro represen- | tando a suplica da escravidão a liberdade,** | que segundo affirma aquele senhor, para | executar por um filho vosso de dois anos | de idade. || **Agradecendo cordialmente a Vossa** o | mimo. presente que si não recomen- | da como trabalho de mal nascimento, | recomen- | da como trabalho de tal merecimento, reco- | menda-se pela grandesa do assumpto | que com tanta felicidade escolheu o jovem | Frederico, esta associação estima-o como or- | namento a fala das seus irmãos. [fol 2v] || **Agradecida a vossa senhoria** por essa prova | de distinção com que dignar-se honra-la aproveito a ocasião para assegurar a Vossa Senhoria os protestos de sua estima e subida com- | sideração. || **Deus guarde a Vossa Senhoria** | **Ilustrissimo** João Ramos, D. via presidente da | Sociedade Associação Emancipadora do Recife. | João Cordeiro- P. | e Antonio Bezerra de Menezes 1º secretário

Carta Institucional

No exemplo 17, destacam-se as escolhas lexicais. A forma de tratamento na seção de abertura e no corpo da carta, e a demonstração de apreço através da captação de benevolência “**os sinceros protestos da mais alta estima e consideração**” caracterizam a distância comunicativa. Por fim, na seção de despedida da carta temos “**Deus guarde a Vossa Senhoria.**”, uma fraseologia recorrente em correspondências desde o período colonial. Os modos de tratamento fixos, a partir dos papéis sociais assumidos pelos missivistas, a finalidade comunicativa são fatores que conferem à carta a predominância de traços de distância comunicativa.

#### Exemplo 18

Ilustrissimo Senhor João Ramos | 22 de fevereiro de 1884 || Muito apprecio sua boa saúde e da Excelentissima Família. || **O portador desta esta | infelis escravo, que pri- | ciza da sua proteção para com a sua liberdade a qual | o Senhor della propor e como ella não tem olho Vossa Senhoria vigia se po| de dar a algu? o Ceará | cazo que Vossa Mercê passa a arrumar este negocio bem, e no cazo que não | passa ella dilá irá | procurar outro mais | em muito me interesse por, | ella dicujo favor | [fol 2v] lhe ficarei muito agra- | decido. Aqui para | cumprir suas ordens por ser , | Muito Venerado Criado | João Hermano Caminha**

Carta de Amigo

O exemplo 18 é um caso interessante, pois as formas de tratamento (Ilustríssimo senhor, senhor, Vossa senhoria, vossa mercê), como também o fechamento (Muito venerado criado) são indícios de formalidade, de assimetria na relação e de distância comunicativa. Oposto a isso, o léxico utilizado na carta, demonstra a situação deplorável da escrava “não tem olho” e que a infeliz escrava precisa ser vigiada.

No exemplo 19, destacamos as escolhas lexicais. A forma de tratamento na seção de abertura e no corpo da carta, e a demonstração de apreço através da captação de benevolência “os **sinceros protestos da mais alta estima e consideração**” caracterizam a distância comunicativa. Por fim, na seção de despedida da carta temos “**Deus guarde a Vossa Senhoria.**”, uma fraseologia recorrente em correspondências desde o período colonial. Os modos de tratamento fixos, a partir dos papéis sociais assumidos pelos missivistas, a finalidade comunicativa são fatores que conferem à carta a predominância de traços de distância comunicativa.

#### Exemplo 19

Sala das sessões da Ave Libertas 7 de novembro | de 1884 || **Ilustrissimo Senhor.** || De ordem da Senhora Presidente tenho a honra | de comunicar a Vossa Senhoria que em sessão de | do corrente foi conferido a Vossa Senhoria o diploma | de socio honorario desta sociedade,o qual | nesta data envio a Vossa Senhoria um exemplar do estatuto. | Receba Vossa Senhoria **os sinceros protestos da mais alta estima e consideração.** | **Deus guarde a Vossa Senhoria | Ilustrissimo Senhor.** João Ramos | Att [init] Secretaria | Odila Pompilio

Carta institucional enviada pela Ave Libertas.

No exemplo 20, ratificamos a distância comunicativa, pelo uso do verbo realizar com um pronome, formando a mesóclise “realizar-se-há”- mais indicado para construções formais ou textos com uma linguagem rebuscada. Além das formas de tratamento fixas da época.

#### Exemplo 20

Recife, 11 de agosto de 1884 || **Ilustrissimos Senhores** | A comissao Redemptora aca- | demica tem a distincta honra, de convidar | á Vossas Senhorias para com sua presença abrilhan- | tarem a festa da libertação dos escravos | da Praça II, em commemoração ao an- | niversario, da fundação, da faculdade de Direito, a qual **realizar-se-ha** hoje á noitena | mesma praça ajardinada. || A comissão, esperando merecer a acquiescencia de Vossas Senhorias sem convite, ante- | cipa **os votos da maior gratidão.** | **Ilustrissimos Senhores Presidente** e mais membros | da Directoria da Sociedade Nova Emancipadora. | Abil de Souza Garcia | João [ilegível] | [ilegível] ,

Carta institucional enviada pela Comissão Redemptora.

Para finalizar este tópico, abordaremos a estratégia de subversão nas correspondências. É claro que os abolicionistas precisavam contar com o apoio e a cumplicidade dos simpatizantes da causa para que essas correspondências fossem entregues e os pedidos resolvidos. Em nosso corpus, elas vinham no vapor. Alguém, certamente, tinha a função de transportar essas correspondências com segurança e de forma estratégica. Como os abolicionistas eram homens precavidos, o aparelho de repressão escravista não suspeitou de nada durante longo tempo. Eles usavam sempre uma linguagem codificada – ou secreta – quando tratavam de organizar fugas de uma província para outra.

As cartas dos abolicionistas dificilmente faziam referência a quaisquer vocábulos que pudessem levantar suspeita, como “escravos”, “fugitivos” ou “negros”. Eles usavam sempre substitutos enigmáticos, capazes de confundir e despistar os mais experientes capitães do mato, como “ingleses”, “huguenotes”, “italianos”, “estrangeiros” e mesmo “abacaxis”. Essas correspondências trocadas entre João Ramos e seus interlocutores foram muito importantes para sua atuação na luta contra o escravismo. O uso do vapor como transporte também foi uma estratégia de fulga, facilitando a saída dos negros fugitivos. Usavam esse meio de transporte, pois facilitava a fuga. As estradas eram de ferro, e as linhas de navegação a vapor, que andavam sobre elas, eram mais rápidas. Constatamos, através deste estudo, que as associações abolicionistas pernambucanas do século XIX, Club Cupim e Nova Emancipadora, foram bastante atuantes para a abolição dos escravos, sobretudo com a presidência de João Ramos. A sua atuação foi conhecida através das correspondências analisadas neste *corpus*. Muitas correspondências foram enviadas a João Ramos, com diversos assuntos ligados à abolição em Pernambuco.



## Considerações Finais

Concluimos, através desta pesquisa, que as associações abolicionistas pernambucanas, do século XIX, Club Cupim e Nova Emancipadora, foram bastante atuantes para a abolição dos escravizados, sobretudo com a presidência de João Ramos. A sua atuação foi conhecida através das correspondências analisadas nesse *corpus*, muitas delas, com diversos assuntos ligados à abolição em Pernambuco. Cada correspondência foi analisada e, assim, fizemos a identificação, através dos traços peculiares de cada gênero e da relação entre os missivistas. Há cartas de amigo e bilhetes predominando uma comunicação marcada pela espontaneidade, proximidade e por diferentes níveis de intimidade entre os interlocutores (Souza, 2012), indivíduos que geralmente possuem um relacionamento estreito. Já as cartas institucionais, aquelas enviadas pelas associações amigas, utilizam uma composição mais formulaica e o teor mais próximo da formalidade. Desse modo, na amostra analisada, a maioria das correspondências está no polo de proximidade comunicativa, por possuírem características tais como: privacidade, intimidade, emocionalidade, envolvimento nas situações e atos. Ao fazer um pedido de ajuda a João Ramos, os remetentes pedem a intervenção dele para resolver suas particularidades. Mesmo que as cartas tenham sido elaboradas num momento de luta e seus pedidos estão relacionados a esse tema, cada remetente teve autonomia para pedir o que quisesse ao abolicionista João Ramos. Já nas cartas institucionais, as enviadas pelas associações, os traços de distância comunicativa foram percebidos pelo uso das formas de tratamento mais cerimoniais, a partir dos papéis sociais; o uso do verbo com a mesóclise; a finalidade comunicativa, um conjunto de fatores que conferem à carta institucional a predominância de traços de distância comunicativa. Elas foram enviadas entre pessoas de diferentes níveis sociais e de escolaridade, com objetivos diferentes, mas sem fugir da temática abolicionista.

O estudo mostrou que o *corpus* possui correspondências que mesclam bastante entre os polos da distância e da proximidade comunicativas. A análise foi feita a partir do vocativo usado, do conteúdo no corpo da carta e da seleção lexical. Não menos importante, é observarmos também a captação de benevolência e o fechamento das correspondências. As associações abolicionistas lideradas por João Ramos conseguiram libertar os escravizados, concedendo a eles abrigo e proteção e a troca dessas correspondências foi fundamental para o sucesso das ações de João Ramos, em Pernambuco do século XIX. Através deste estudo, foi possível também identificar as diferentes dimensões de tradição discursiva que compõem as correspondências destinadas a João Ramos, bem como suas finalidades comunicativas e os elementos construtivos das correspondências enviadas nos anos de 1881-1888, demonstrando algumas especificidades de cada gênero. Cada elemento da carta possui uma função específica, por isso, as estratégias de verbalização que compõem as tradições discursivas utilizadas em um contexto de produção remontam às lutas abolicionistas e registram a historicidade da língua.

Este trabalho traçou a historicidade e a tradicionalidade do gênero correspondência, ampliando em qualidade e quantidade os registros sócio-históricos e linguístico-discursivos que essas missivas guardam em suas páginas acerca do cenário abolicionista pernambucano. É possível observar que, através das correspondências, o ato comunicativo acontecia em um entorno de lutas e resistência. Elas foram enviadas entre pessoas de diferentes níveis sociais e de escolaridade, com objetivos diferentes, mas focados na busca pela liberdade dos escravizados. Dessa forma, evidencia-se a necessidade de realização deste estudo, a fim de dar continuidade às pesquisas acerca da historicidade dos gêneros e da língua em uma amostra decorrespondências enviadas a João Ramos. Trazendo o debate para as aulas de língua materna, o ensino e a aprendizagem de gênero. Os gêneros devem ser o ponto de partida e de chegada de todo o processo didático- pedagógico, fazendo com que os alunos se engajem em diferentes práticas intersubjetivas e linguísticas (Geraldi (2011[1984]; 1991)). Desse modo, este estudo tem grande importância para o ensino e aprendizagem de português como idioma materno, pois quando realizamos um estudo sócio-histórico, analisamos uma língua em seu uso em um determinado contexto de sincronia passada. Sendo assim, o presente estudo assume uma função importante porque busca, por meio dessa documentação, o entendimento da nossa própria língua e os mecanismos de composição e criação de sentidos que se fundam nesse tipo de interação e constituídos por estratégias de verbalização pertinentes a um contexto de resistência e de luta por liberdade.

## REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela. **Ideias em movimento**: a geração. 1870 na crise do Brasil Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CASTILHO, Thomaz Celso. **Abolitionism Matters**: the politics of antislavery in Pernambuco, Brazil, 1869-1888. PhD, University of California, 2008.

CASTILHO, Thomaz Celso. “Ao teatro, pelos cativos!”: uma história política da abolição no Recife”. *In*: CABRAL, Flavio José Gomes; COSTA, Robson (Org.). **História da escravidão em Pernambuco**. Recife: Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, 2012. p. 325-343.

CASTILHO DA COSTA, Alessandra. Ação – formulação – tradição: a correspondência de Câmara Cascudo a Mário de Andrade de 1924 a 1944 entre proximidade e distância comunicativa. *In*: MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. **Projeto História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte**: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade – 1924 a 1944. Natal: EDUFRN, 2012.

CASTILHO, Celso; COWLING, Camila. Bancando a liberdade, popularizando a política: abolicionismo e fundos locais de emancipação na década de 1880 no Brasil. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 47, 2013. DOI: 10.9771/aa.v0i47.21281. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21281>. Acesso em: 18 abr. 2022.

Severina Gomes, Valéria; de Barros Pessoa, Marlos. **Traços de mudanças e de permanência em editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido**. 2007. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

GOMES, Valéria Severina. **Tradições discursivas, variação e mudança no sistema pronominal de tratamento do português brasileiro em cartas pessoais pernambucanas (séculos XIX e XX)**. Relatório de atividades acadêmicas do Estágio Pós-Doutoral em Letras Vernáculas, apresentado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Nov., 2014. 52 p.

GERALDI, J. O texto na sala de aula. 3. ed. Cascavel: ASSOESTE, 2011 [1984].

\_\_\_\_\_. W. Portos de passagem. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. MEDVIÉDEV, P. N. O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução do russo por Ekaterina Américo e Sheila Grillo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

KABATEK, Johannes. Sobre a historicidade de textos. Tradução de José da Silva Simões. **Linha D'Água**, n. 17, p. 159-170, 2005.

KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. Oralidade y escrituralidad a luz de la Teoría del Language. *In*: **Lengua Hablada en La Romania**: español, francés, italiano. Madrid; Editorial Gredos, 2007, p. 20-42.

LONGHIN, Sanderléia Roberta. **Tradições discursivas: conceito, história e aquisição.** São Paulo: Cortez, 2014.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **Tradição discursiva e mudança no sistema de tratamento do português brasileiro: definindo perfis comportamentais no início do século XX.** São Paulo: Alfa, São Paulo, 55 (2): 361-392, 2011.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da linguística histórica.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCOTULIO, Leonardo L. **Língua e História: o 2º marquês do Lavradio e as estratégias linguísticas no Brasil Colonial.** Rio de Janeiro: Ítaca, 2010.

NABUCO, Carolina. **A vida de Joaquim Nabuco.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1958.

PEIXOTO, Fernanda Camargo **Os movimentos festivos em prol da Abolição em Pernambuco (1884-1889) / Fernanda Camargo Peixoto.** - 2020. 134 f.: il. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2020.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. **Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominiais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas.** Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa – Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2004, 286 fl. Mimeo.

RUMEU, Maria Cristina de Brito; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. A configuração diatópicadiacrônica do sistema de tratamento do português brasileiro. **Revista do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste**, v.15, n. 1/2, p. 187-212, 2013.

SILVA, Aldeir, Gomes; GOMES, Valéria Severina. Correspondências entre amigos pernambucanos da primeira metade do século XX: tradição discursiva e ensino. **Revista do GELNE**, v. 18, p. 80-104, 2017.

SILVA, Leonardo Dantas. **A Imprensa e a Abolição.** Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1988 a. (Abolição, Fundação Joaquim Nabuco, v. 13)

SILVA, Leonardo Dantas. **A abolição em Pernambuco.** Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1988b. (Abolição, Fundação Joaquim Nabuco, v. 10).

SILVA, Wagner Rodrigues; LIMA, Paulo da Silva; MOREIRA, Tânia Maria. (Orgs.) **Gêneros na prática pedagógica: diálogos entre escolas e universidades.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

SHIBYA, Alfonso Gallegos. La compleja relación entre tradiciones discursivas y estilo. **Revista da Abralín**, v. 19.3, 568-581, 2020.

SOARES, Thiago Nunes; GOMES, Valéria Severina (Orgs.). **Identidade e memória em manuscritos e impressos pernambucanos**: língua, história e cultura através dos textos. Recife: Ed. dos Autores, 2012.

SOUZA, Cristiéle Santos de; GASTAUD, Carla Rodrigues. **A escrita epistolar de Dom Joaquim e os tratados de epistolografia da Ars dictaminis**: permanências e rupturas. In: XI Encontro Nacional de História. Universidade Federal do Rio Grande – Rio Grande, 23 a 27 de julho de 2012.

TRAVASSOS, Tarcisia; FERREIRA, Priscilla Elizabeth Silva Costa . Cartas particulares: história das pessoas, da sociedade e da linguagem. In: SOARES, Thiago Nunes; GOMES, Valéria Severina (Orgs.). **Identidade e memória em manuscritos e impressos pernambucanos**: língua, história e cultura através dos textos. Recife: Ed. dos Autores, 2012, p. 25-32.

VAAMONDE, Gael. P. S. Post Scriptum. **Dos corpora diacrônicos de escritura cotidiana**. Procesamiento del Lenguaje Natural, 55: 57-64. 2015.